

À BEIRA DE UM RIO QUE PENSA

O Paraíba do Sul não corre: ele medita. Desce das serras como quem escreve à mão, curva por curva, uma carta demorada para o Atlântico. Traz no envelope o cheiro de terra molhada, a caligrafia das pedras, o rumor de engenhos e sabiás. Entre as cidades que ele visita, há uma em que a corrente parece afiar a memória: São José dos Campos, a maior entre as suas margens — e, talvez por isso mesmo, a que mais precisa ser lembrada de que tudo começou na água.

São José aprendeu cedo a conversar com o futuro. Primeiro, quando o café cobriu as encostas feito uma missa verde; depois, quando o ar puro curou almas e pulmões em sanatórios de janelas brancas; por fim, quando a cidade subiu aos céus, ensinando o vento a soletrar siglas e sonhos: ITA, CTA, Embraer — quem passa pelo vale ouve essas palavras como quem ouve um bando de andorinhas: apontam direções. Enquanto as turbinas repetem uma elegia metálica, o rio, ao lado, murmura: “calma, toda asa um dia pousa”. E a cidade, ambiciosa, suspira — porque sabe que nenhum foguete decola sem antes mirar o espelho d’água onde o mundo se reconhece.

Há uma ética no fluxo do Paraíba: ele não discute com barrancos, não briga com pontes, não compete com os faróis dos carros. Atravessa a paisagem do mesmo modo que um velho maestro atravessa a partitura — sem pressa, confiando que os violinos o acompanharão. Às margens, pescadores tecem paciências, crianças plantam barquinhos de papel, casais inventam promessas que só a água entende. E a cidade, a mais populosa de suas vizinhas, continua a medir o tempo por turnos, relatórios e voos — até que, ao fim da tarde, o rio recolhe a luz e devolve São José àquilo que nos funda: um silêncio úmido, vegetal, de quem aceita a passagem e ainda assim fica.

Talvez seja essa a grandeza de São José dos Campos: ter conquistado a altura sem se esquecer da horizontalidade do rio; fabricar máquinas para vencer distâncias e, ao mesmo tempo, reconhecer que há distâncias que só a água encurta — aquelas entre o que fomos e o que ainda seremos. O Paraíba do Sul não pede estátuas. Contentar-se-ia com uma sombra de árvore bem posta, uma escadaria de pedra, um banco para velhos, outro para adolescentes que acham que o amor foi inventado hoje. Tudo isso é urbanismo, sim; mas, sobretudo, é liturgia.

No fim, o rio segue — porque rios têm essa delicadeza de ir embora sem partir. A cidade fica — porque cidades têm esse costume de ficar sem ficar as mesmas. Entre os dois, estabelece-se um pacto que não cabe em decreto: o Paraíba lembrará São José de desacelerar, e São José lembrará o Paraíba de que o futuro

também precisa de cais. E nós, que passamos por ali, entenderemos que a vida é exatamente isso: aprender a decolar com os olhos na água, aterrissar com os ouvidos no vento, e agradecer, em voz baixa, à corrente que nos conduz.